



O USO DA LINGUAGEM PARA A AUTOAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE LGBT

Stefhani Cardoso Ribeiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: fannyribeiro99@gmail.com

Igor da Silva Macêdo de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: igor.oliveira06011@gmail.com

Elisângela Gonçalves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: elisangela.silva.uesb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a organização da sociedade se fundamenta a partir da concepção binária homem-mulher, a qual institui um padrão normativo a ser seguido por toda a população, sendo este o modelo social perpetuado até os dias atuais. Dessa forma, os indivíduos que não se adequam a esse modelo sentem-se coagidos a ocultar sua orientação sexual.

Essa “impotência” das chamadas minorias sociais (em que incluem mulheres, negros, pessoas que não são heterossexuais) perdurou até meados da década de 1960, em que prevalecia uma política anti-homossexual (BEZERRA et al., 2013). Após o episódio conhecido como *A rebelião de Stonewall*, ocorrido em Nova Iorque, a comunidade homossexual, incomodada pela constante repressão policial, foi às ruas confrontar o sistema opressor regente e reivindicar políticas igualitárias para a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, conhecida pela sigla LGBT (FACCHINI, 2009; FACCHINI; LINS FRANÇA, 2009; SANTOS, 2016). Esse episódio, acontecido no dia 28 de junho, resultou na data comemorativa ao Dia Internacional do Orgulho LGBT (FERRAZ, 2017).

No Brasil, a busca por políticas igualitárias para a comunidade LGBT ganhou força na década de 1970, justamente como uma reação ao regime militar, através da divulgação feita por jornais, como o *Lampião da Esquina*, criado por homossexuais. Esse jornal denunciava, em suas publicações, a violência aos LGBTs e fortalecia o discurso de valorização da identidade homossexual (BEZERRA et al., 2013).

Partindo de discussões da teoria feminista, Butler (1990) salienta a diferença conceitual entre *gênero* e *sexo*, este é relativo à questão biológica e aquele está ligado a



uma construção social do sexo. A importância do gênero como construto social se justifica através da formação da identidade LGBT. A partir do momento em que se reconhece como homossexual, o indivíduo busca, junto a sua comunidade de prática, mecanismos favoráveis aos movimentos LGBTs.

Isso posto, a fim de promover a discussão acerca dos mecanismos sociais fundadores da luta LGBT, essa pesquisa realiza uma análise morfossemântica de vocábulos empregados por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, que são fundamentais para a discussão de questões relativas à identidade de gênero. Para tanto, além de tomarmos como base as ideias propostas por Butler (1990), observamos os processos de formação das palavras aqui analisadas - de composição e derivação, conforme Villalva (2003). Essa autora define o processo de *composição* como formador de palavras através da junção de dois ou mais radicais, podendo ser morfológica e/ou morfossintática. Interessa-nos aqui a composição morfológica (em que os radicais se ligam mediante uma vogal de ligação, comportando-se como uma palavra derivada) de modificação, como em *hemograma*. O processo de *derivação*, por sua vez, consiste na junção de um afixo a uma base, seja à sua direita (sufixo) ou à sua esquerda (prefixo).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta análise, fizemos um levantamento da terminologia usada pela comunidade LGBT como elemento de coesão na luta contra a discriminação, intolerância por eles vivenciadas na sociedade. A partir de *sites* informativos, selecionamos os seguintes termos: *heteronormatividade*¹, *homoparentalidade* e *LGBTfobia*. Relacionamos a origem dessas palavras com a sua importância na luta LGBT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dicotomia repressão-resistência fez e faz parte do movimento pela luta dos direitos LGBT. Um exemplo disso é o próprio fato de a homossexualidade ter sido considerada, por muito tempo, uma patologia, um desvio comportamental, e os homossexuais terem sido submetidos a tratamentos que visavam à sua “cura”. Apenas em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a retirou da relação internacional de doenças (NASCIMENTO, 2010).

¹ Entre os termos selecionados, somente *heteronormatividade* é dicionarizado.



Na busca por seus direitos, LGBTs utilizam mecanismos a fim de contestar a ordem social vigente e promover a valorização da identidade homossexual. Para tanto, essa comunidade traz para a discussão, por exemplo, as noções de *heteronormatividade*, *homoparentalidade* e *LGBTfobia*, questionando o funcionamento de uma sociedade baseada no patriarcado, que oprime, rejeita o que não se encaixa em seu modelo.

O vocábulo *heteronormatividade* foi cunhado pelo estudioso Michael Warner em 1991 (*heteronormativity*, em inglês), sendo formado a partir da associação do radical grego *hetero* (outro, diferente) ao nome *normatividade* (definido a seguir). Este, por sua vez, possui alguns itens em sua formação: (a) ao radical *norm*, junta-se o índice temático *a*, formando-se o nome *norma*, que significa “aquilo que regula procedimentos ou atos; regra, princípio, padrão, lei” (HOUAISS, 2009, p. 1670); (b) acrescentando-se ao nome *norma* o sufixo (*tiv(o)*²), obtém-se o adjetivo *normativo*, ou seja, aquilo “que serve de norma” (HOUAISS, 2009, p. 1873); (c) ao qual pode-se acrescentar o sufixo *idad(e)*, formando-se o nome *normatividade*. Vemos que, em nossa sociedade, *hétero* tem sido empregado como abreviação de *heterossexual* - “relativo ao tipo de afinidade, atração e/ou prática sexual entre indivíduos do sexo oposto” (HOUAISS, 2009, p. 1017) e *normatividade*: “qualidade ou condição de normativo” (HOUAISS, 2009, p. 1362). No dicionário Houaiss (2009), não consta a definição para *heteronormatividade*³. Contudo, esse termo é definido por movimentos LGBTs como uma forma de organização social em que é imposto à população duas formas biológicas, determinadas de se agir - masculino/feminino (PETRY et al., 2011).

Esse modo de pensar está tão impregnado em sociedades como a brasileira que parece ser algo natural. Todavia, os movimentos LGBTs vêm justamente questioná-lo, demonstrando que a heterossexualidade não corresponde à norma, trazendo à baila contestações aos padrões contemporâneos homem-mulher. A designação da terminologia *heteronormatividade* provocou maior repercussão e objeção ao que antes passava despercebido, pois enfatizou a busca por meios de combate ao que é “diferente” (não no sentido original do radical *hétero*, acima exposto), ao que foge à norma.

O lexema *homoparentalidade*, por sua vez, é formado a partir da junção do radical grego *homo*: “mesmo, igual” - ao nome *parentalidade*: “condição, fato ou estatuto de pai (e mãe); paternidade” (HOUAISS online). De acordo com o Manual de

² O elemento entre parênteses consiste no índice temático.

³ Palavras como *antinormatividade* e *internormatividade* sofreram o mesmo processo de formação por composição.



Comunicação LGBTI+ (2018), a palavra *homoparentalidade* foi usada pela primeira vez na França, em 1996, pela *Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicos* para designar a adoção realizada por homossexuais. Esse uso é importante para a comunidade LGBT, na medida em que instaura movimentos que reivindicam a implantação de políticas públicas a favor dos direitos dessa comunidade.

A respeito do vocábulo *LGBTfobia*, formado pela junção da sigla LGBT com o radical grego *fobia* - “medo exagerado, falta de tolerância, aversão” (HOUAISS, 2009, p. 1909), não se sabe ao certo a sua autoria e surgimento. Contudo, é possível fazer um paralelo com o termo *homofobia*, ao afirmar-se que aquele é uma forma associada a esse termo. Assim, *LGBTfobia* designa o preconceito sofrido não somente por homens homossexuais, mas também por lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

CONCLUSÕES

Percebemos que a comunidade LGBT sempre sofreu discriminações por se diferenciar do que é pré-estabelecido socialmente; no entanto, as dificuldades enfrentadas por ela não impediram sua busca por direitos igualitários. A comunidade LGBT resiste ao preconceito procurando formas de marcar e valorizar a sua identidade, lutando contra noções como *heteronormatividade*, lutando pelo direito a *homoparentalidade* e chamando a atenção da sociedade para atitudes como a da *LGBTfobia*. Toda essa terminologia - e a carga semântica subjacente a ela - corrobora a criação de políticas públicas que assegurem a diversidade em todas as suas facetas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade LGBT; Identidade de Gênero; Luta; Processo de Formação de Palavras.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Alana Rodrigues et al. Movimento LGBT: breve contexto histórico e o movimento na região do cariri. *Seminário CETROS*. Fortaleza, p.313-324, 2013.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

FACCHINI, R. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 3, n. 4, p. 131-158, jan./jun. 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300/1733>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

FACCHINI, R.; LINS FRANÇA, I. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*,



2009. Disponível em: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004> . Acesso em: 09 mar. 2019.

FERRAZ, T. Conheça a história do movimento pelos direitos LGBT. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>. Acesso em: 5 abr. 2019.

HOUAISS. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NASCIMENTO, M. A. N. N. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital*, n. 17, p. 227-239, mar. 2010. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/n17-nascimento>. Acesso em: 09 mar. 2019.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos e Contextos*, v. 10, n. 1, p. 193-198, jan./jul. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/64857/43889>. Acesso em: 09 mar. 2019.

SANTOS, G. G. C. Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 179-212, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.005> . Acesso em: 09 mar. 2019.

VILLALVA, A. Formação de palavras: afixação. In: MATEUS, M. H. et al. (Org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho. 2003, p. 939-967.

_____. Formação de palavras: composição. In: MATEUS et al (Org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho. 2003, p. 969-983.